



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU- CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MATHEUS ANDERSON DA SILVA

**A INESPECIFICIDADE PRESENTE NA LITERATURA DE CORDEL
CONTEMPORÂNEA**

**PATU
2022**

MATHEUS ANDERSON DA SILVA

**A INESPECIFICIDADE PRESENTE NA LITERATURA DE CORDEL
CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para obtenção de grau de Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a M^a Sidileide Batalha do Rêgo

PATU-RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S586i Silva, Matheus Anderson
A inespecificidade presente na literatura de cordel contemporânea. / Matheus Anderson Silva. - Patu, 2022. 46p.

Orientador(a): Profa. M^a. Sidileide Batalha do Rêgo.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). 2. cordel. 3. Aos mestres. 4. Inespecificidade literária. 5. Bráulio Bessa. I. Batalha do Rêgo, Sidileide. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MATHEUS ANDERSON DA SILVA

**A INESPECIFICIDADE PRESENTE NA LITERATURA DE CORDEL
CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciando em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em: 22/09/2022

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Sidileide Batalha do Rêgo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Profa. Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Profa. Ma. Daysa Rego de Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Dedico primeiramente a Deus que nunca me desamparou, a meus familiares e aos meus amigos (as) que também se fizeram presentes e me apoiaram até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por nunca me desamparar e por sempre me manter firme e forte, me ajudando a nunca desistir do que me propôs a fazer, agradeço aos meus familiares, até mesmo os que estão longe, pois esses, de alguma forma se fizeram presentes. Aos meus amigos e amigas que apoiaram as minhas decisões tomadas até aqui.

À minha orientadora, por toda calma e paciência que teve comigo, a todos os professores (as) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, ao pessoal da limpeza, da biblioteca, do aos técnicos do departamento de Letras, agradeço a todos (as) que fazem parte da minha turma e a toda equipe que compõe o corpo institucional da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Sou muito grato a essa instituição de Ensino Superior Público, que sempre me acolheu nos mais diferentes problemas que surgiram e em todas as vezes que precisei de alguma ajuda ou amparo institucional ou acadêmico.

Agradeço, em especial, a minha avó, Maria Felicidade da Silva, sendo essa a minha maior incentivadora que constantemente pediu para que eu não parasse de estudar, pois ela sempre dizia que os estudos são a maior riqueza que o ser humano pode ter e única que ninguém rouba. Minha avó não se encontra mais entre nós, mas tenho certeza de que ela está muito feliz por eu não ter parado de estudar mesmo diante de tantas situações difíceis que enfrentei ao longo de minha passagem pela graduação.

Quero agradecer também a meu pai, José de Arimateia da Silva, pois ele foi o segundo principal responsável por meus estudos e segundo maior incentivador. Meu pai sempre disse que o estudo é a principal forma de ter um futuro melhor e mais tranquilo sem precisar de trabalhar em serviços braçais (não que esse não seja um trabalho digno, mas que demanda mais esforço e ganha menos). Desse modo ele sempre me motivou a estudar.

Agradeço às professoras que estão compondo a banca para avaliar o meu trabalho, são elas: a Prof.^a Sidileide Batalha do Rêgo – a minha orientadora –, Prof.^a Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo e Prof.^a Ma. Daysa Rêgo de Lima. Fico muito lisonjeado por vocês aceitarem participar da banca avaliadora do meu TCC, sendo

que a participação de vocês irá contribuir de forma significativa para crescimento do meu trabalho e para minha formação acadêmica.

Acredite no improvável, acredite no impossível, enxergue o que ninguém vê, perceba o imperceptível e enfrente o que, para muitos, parece ser invencível.

Bráulio Bessa

RESUMO

O presente trabalho analisa o cordel *Aos Mestres* – presente no livro *Poesia com Rapadura*, publicado em 2017 –, do poeta cearense Bráulio Bessa, a partir da teoria da inespecificidade da argentina Florência Garramuño (2014). Esta pesquisa trata-se de um estudo crítico desenvolvido a partir da concepção que as artes da contemporaneidade são marcadas pela inespecificidade, visto que se mistura com outras formas, meios e suportes artísticos, quebrando limitações e classificações fechadas. Essa pesquisa, de cunho qualitativo, tem como referencial teórico os estudos de Cavnac (2006), Silva (2005) e Slater (1984) que tratam da evolução e chegada da literatura de cordel no Nordeste; Gomes, Oliveira e Brito (2019) que discutem sobre cordel como preservação da cultura nordestina; Lemaire (2010) e Brasil (2018) que abordam o cordel como parte da cultura brasileira, Garramuño (2014) e Andrade et al. (2018) que tratam da teoria da inespecificidade. Assim, este trabalho se faz significativo, pois nos dá a possibilidade de refletir, de maneira singular, sobre a importância da literatura de cordel, mais precisamente a de Bráulio Bessa, para o Nordeste e para a literatura contemporânea. Logo, esta análise nos permitiu observar que o cordel de Bessa não se expressa por meios específicos, ele ultrapassa os suportes convencionados socialmente para se manifestar em outros espaços e suportes, e rompe as práticas tradicionais de declamação, quebrando, assim, a noção de especificidade.

Palavras-chave: Cordel; Aos Mestres; Inespecificidade literária; Bráulio Bessa.

ABSTRACT

The present work analyzes the *Cordel Aos Mestres* – present in the book *Poesia com Rapadura*, published in 2017 –, by Bráulio Bessa – poet from Ceará, based on the theory of unspecificity by Florência Garramuño (2014), from Argentine. This research is a critical study developed from the conception that the contemporary arts are marked by non-specificity, since it mixes with other forms, means and artistic supports, breaking limitations and closed classifications. This research is characterized by a qualitative nature and has as theoretical reference the studies of Cavnac (2006), Silva (2005) and Slater (1984) that discuss about *Cordel* literature evolution and arrival in Northeast. Gomes, Oliveira and Brito (2019) about *cordel* as a northeastern culture preservation; Lemaire (2010) and Brasil (2018) that approach *cordel* as part of Brazilian culture; Garramuño (2014) and Andrade et al. (2018) dealing with the nonspecificity theory. Therefore, this work is significant, because it allows the possibility of reflecting, in a unique way, on the *cordel* literature importance, more precisely, of Bráulio Bessa, for Northeast and contemporary literature. Consequently, the analyzes allowed us to observe that Bessa's *cordel* is not expressed through specific means; it goes beyond the socially agreed supports to manifest itself in other spaces and supports; and breaks with traditional practices of declamation, thus breaking the notion of specificity.

Keywords: *Cordel*; *Aos Mestres*; Non-specificity Literary; Bráulio Bessa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – A LITERATURA DE CORDEL E SUA IMPORTÂNCIA PARA O NORDESTE	15
1.1 Literatura de cordel: surgimento, conceituação e disseminação	15
1.2 A Literatura de Cordel no Nordeste: uma representação da cultura popular	19
CAPÍTULO II – INESPECIFICIDADE: DO QUE TRATA A TEORIA DO INESPECÍFICO?	22
2.1 A teoria da inespecificidade: apresentando nosso viés de análise	22
CAPÍTULO III – A INESPECIFICIDADE NO CORDEL AOS <i>MESTRES</i> , DO POETA BRÁULIO BESSA	27
3.1 Bráulio Bessa: um pouco sobre o autor	27
3.2 Acerca do cordel em estudo	29
3.3 As <i>Mestres</i> : o que há de inespecífico?	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXO.....	45

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o cordel *Aos mestres* (2017), do escritor cearense Bráulio Bessa, a partir da teoria da inespecificidade de Florência Garramuño. Para tanto, buscamos: discutir sobre a importância da literatura de cordel para o Nordeste, apresentando-a como uma forma de representação da cultura popular; refletir sobre as formas que a literatura de cordel se manifesta na sociedade contemporânea, a partir do que nos diz a teoria do inespecífico e verificar o que há de inespecífico no cordel *Aos mestres* (2017), de Bráulio Bessa.

O cordel se trata de uma manifestação artística e um gênero literário caracterizado pela oralidade. Ele se originou em Portugal durante os séculos XII e XIII. No Brasil, sobretudo na região Norte e Nordeste do país, essa arte chegou através dos colonizadores e se popularizou por volta do século XVIII.

Assim, a literatura de cordel, conhecida anteriormente como poesia popular, tornou-se uma tradicional forma de narrativa no Nordeste brasileiro, bem como passou a ser considerado um símbolo da cultura nordestina e um propagador dos costumes e das tradições dessa região.

Entretanto, a peculiaridade desse objeto que, evidentemente, se distingue das demais produções literárias – tanto na forma quanto em conteúdo – em especial as canônicas, faz com que ele seja tratado como uma literatura inferior, que merece ser desprezada e esquecida pela sociedade e pela crítica.

Desse modo, como uma forma de amenizar esse problema, levando em consideração os avanços tecnológicos que ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas, na contemporaneidade, o cordel passou a ganhar outros formatos e a se incorporar em outros suportes. Ele passou a ser divulgado em mídias digitais, na TV, e ser difundido por meio de *podcasts*¹ assumindo formato de séries – sendo esse um meio de atrair e alcançar um público maior e uma forma de resistir e persistir para não cair no esquecimento e preservar a sua existência.

Partindo dessa possibilidade que podemos pensar na teoria da inespecificidade, (teoria a qual nosso olhar se centra) essa a qual compreendemos

¹ *Podcast* se trata de um material/conteúdo em áudio que é disponibilizado através de um arquivo ou *streaming*. O mesmo conta com a vantagem de ser escutado sob demanda. Nesse caso, pode ser ouvido em diversos dispositivos – o que ajudou na sua circulação.

que uma arte pode se entrecruzar/dialogar com outros campos artísticos, ou seja, pode estar sobre outro tipo de arte manifestando-se de outras formas, expandindo-se de maneira mais abrangente, alcançando um maior número de pessoas. Isso acontece principalmente na contemporaneidade, levando em consideração também os avanços tecnológicos que ocupa um grande espaço na vida dos sujeitos, muitos gêneros e textos literários passaram a manter comunicação e aproximação com outras formas de artes e expressões de forma mais nítida, não enquadrando-se em delimitações tradicionais.

É nesse contexto que este trabalho discute o cordel *Aos mestres* (iremos utilizar essa expressão cordel, pois é assim que o texto está posto em circulação), de Bráulio Bessa, publicado no livro *Poesia com Rapadura*, em 2017 partindo dos seguintes questionamentos: o cordel *Aos mestres* (2017), do escritor Bráulio Bessa se coloca como uma literatura inespecífica? De que forma?

Bráulio Bessa Uchoa é um poeta brasileiro que aborda em seus cordéis diversos temas relacionados a fatos cotidianos do povo nordestino. Ele retrata datas comemorativas, costumes e tradições do povo. Suas produções são difundidas de várias formas, tanto em formato tradicional quanto através de redes sociais, programas de TV, plataforma digital de *streaming* de vídeos e áudios, como a série documental *Poesia que Transforma* (2021).

Diante do exposto, é certo afirmar que uma pesquisa dessa natureza é relevante, pois com este estudo podemos ampliar as reflexões sobre a importância da literatura de cordel, principalmente para a cultura nordestina, uma vez que através desse gênero é possível se propagar importantes informações a respeito dos costumes e tradições de um povo, preservando histórias.

Outro ponto relevante, é que estudar o referido cordel a partir da perspectiva da inespecificidade, é apresentar novas visões e possibilidades de estudos, pois não encontramos pesquisas que analisassem esse texto a partir desse viés. Além disso, acreditamos que com esta pesquisa podemos, em certa medida, desfazer percepções equivocadas a respeito do cordel, como a de que ele se trata de um gênero menor, traçando caminhos possíveis que, de certa forma, amenizam a possibilidade dessa literatura ser esquecida.

Em face disso, este trabalho de caráter qualitativo, se configura como uma pesquisa exploratória, pois tem “como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias [sic], tendo em vista a formulação de problemas mais

precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27), e bibliográfica, tendo em vista que realizamos a busca sobre a temática em materiais já publicados, como livros, artigos e teses.

Este trabalho monográfico está amparado nos estudos dos seguintes autores: Albuquerque (2011), Cavnac (2006) e Silva (2005) para discutir sobre a o surgimento, a conceituação e a circulação da literatura de cordel, bem como para apresentar a sua importância para o Nordeste brasileiro; Garramuño (2014), Antônio Andrade et al. (2018) para abordar a teoria da inespecificidade e discutir sobre as artes da contemporaneidade, entre outros. Os estudos desses autores foram fundamentais para a construção desta pesquisa.

A presente pesquisa está dividida em três capítulos, o primeiro intitulado: “A importância da literatura de cordel para o Nordeste” está dividida em dois subtópicos: [1] Literatura de cordel: surgimento, conceituação e disseminação, em que abordamos a história da literatura de cordel e [2] A literatura de cordel no Nordeste: uma representação da cultura popular, para tratarmos da importância do cordel para a cultura nordestina.

Já o segundo capítulo tem por título: “Inespecificidade: do que trata a teoria do inespecífico?”, este capítulo apresenta um subtópico intitulado por: [1] A teoria da inespecificidade: apresentando nosso viés de análise, discutindo sobre a teoria que embasa este estudo; e o terceiro: “A inespecificidade no cordel *Aos Mestres*, do poeta Bráulio Bessa”, esse capítulo divide-se em três subtópicos, a saber: [1] Bráulio Bessa: um pouco sobre o autor, onde fazemos uma breve apresentação da vida do poeta; [2] Acerca do cordel em estudo; momento em que realizamos a análise do tema do cordel e [3] *Aos mestres*: o que há de inespecífico?, dialogando o texto com a teoria de Garramuño a respeito da inespecificidade.

Desse modo, este trabalho nos permitiu observar que o cordel *Aos mestres* (2017), de Bráulio Bessa se incorpora em outras formas artísticas, ganhando novas formas de difusão e declamação, se colocando, assim, como uma arte marcada pela inespecificidade.

CAPÍTULO I – A LITERATURA DE CORDEL E SUA IMPORTÂNCIA PARA O NORDESTE

Dedicamos este capítulo para tecer um debate acerca da importância da literatura de cordel, sobretudo, para a região Nordeste, apresentando seu conceito e discutindo sobre o seu surgimento, meio de circulação e características. Buscamos com este capítulo dar ao leitor uma compreensão, não tão extensa, a respeito dessa literatura, que mesmo não sendo de origem brasileira, se constitui de uma forma bem particular, bem nossa.

1.1 Literatura de cordel: surgimento, conceituação e disseminação

A Literatura de Cordel surgiu em Portugal pelos trovadores medievais no século XVII com o nome Cultura de Cordel. Na época, ela se caracterizava como sendo uma arte musicalizada, ou seja, uma arte propagada de maneira oral, cantada para a população que, em sua maioria, não era letrada. Já no Brasil, o Cordel chegou através dos portugueses, nossos colonizadores, mas ganhou força no século XVIII, se popularizando com o nome Literatura de Cordel e ficando conhecido como poesia popular, pois contava histórias de maneira simples, possibilitando que a população, especificamente a menos favorecida, compreendesse seu conteúdo com mais facilidade. De acordo com Silva (2005, p. 18):

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste. A pergunta que mais inquieta e intriga os nossos pesquisadores é “Por que exatamente no nordeste?”. A resposta não está distante do raciocínio livre nem dos domínios da razão. Como é sabido, a primeira capital da nação foi Salvador, ponto de convergência natural de todas as culturas, permanecendo assim até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro.

Percebe-se que cordel se instalou e expandiu-se principalmente na região Nordeste do Brasil, e, conseqüentemente, logo se tornou uma grande referência para o povo nordestino, visto que divulgava/divulga acontecimentos históricos do país, bem como transmitia/transmite informações sobre a cultura da região.

Cabe apontar que o cordel não ficou conhecido apenas no sertão nordestino, mas também se expandiu para outras regiões (tanto para as pequenas cidades do interior quanto para os grandes centros urbanos) e está presente em outros países como Argentina, Chile e Colômbia, sendo conhecido por outros nomes, presente em diferentes formatos e construído de acordo com as características de cada lugar. Além disso, a influência de sua linguagem pode ser reconhecida na música, no cinema, na televisão e nas artes plásticas (BRASIL, 2018, p. 14), ganhando maior expansividade.

Para Ria Lemaire (2010) o cordel, ao longo do tempo, vem passando por algumas fases de tradições, que fazem e se refazem:

[...] o folheto de cordel, quando nasce em finais do século XIX no Nordeste, já constitui a terceira fase da tradição poética da oralidade que se refaz a partir da tradição oral inicial dos poetas nômades e através da fase do caderno manuscrito, para chegar a era da imprensa e ter de se reinventar de novo. Terceira tradição e ao mesmo tempo terceira vez que a mesma tradição se refaz e reinventa, como ela se reinventa hoje em dia pela quarta vez com a introdução de novas tecnologias: Internet, Messenger, Skype. (LEMAIRE, 2010, p. 28)

De acordo com a autora, o cordel já atravessou várias fases, ele passou pela tradição da oralidade, se transpôs para a escrita e, por fim, se reinventa, assumindo os espaços das tecnologias, isto é, os espaços virtuais.

Diante desse contexto, dado o valor dessa literatura, o cordel finalmente foi reconhecido no dia 19 de setembro de 2018 pelo *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN) como um Patrimônio Cultural Imaterial do Brasileiro, o que garantiu maior acesso coletivo e maior fruição dessa arte.

A pesquisadora Elizabeth Albuquerque (2011) ao falar sobre a literatura de cordel em sua tese, coloca que:

A literatura de cordel é uma forma da poesia popular impressa. Sofreu influência dos povos espanhóis, franceses e principalmente, portugueses, cujo termo está relacionado à forma de apresentação dos folhetos, presos em barbantes (cordéis) nas feiras, praças e mercados populares. Sua origem está ligada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas orais presentes na memória popular, chamados romances. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 23)

Diante do exposto, compreendemos que o gênero poético é fruto da formação social brasileira, logo, importante frisarmos que ele sofreu influência não só das

culturas francesa, espanhola e portuguesa, mas também africana, indígena e árabe (BRASIL, 2018, p. 16) estando vinculado às narrativas orais, às cantorias e à declamação. Em relação ao seu termo, cordel faz referência direta às cordas, pois consiste basicamente em livretos impressos que são pendurados em barbantes/cordas nas praças e mercados e vendidos em feiras populares no Brasil.

O cordel, enquanto gênero literário, é elaborado em versos, carregando como características principais a rima, a métrica e fortes marcas da oralidade (ABREU, 1999) essas que caminham ao lado de uma linguagem coloquial permeada de humor, ironia e até mesmo sarcasmo. Tradicionalmente, espera-se que o cordel siga uma estrutura (física e interna) fixa-padrão para cada uma das regras.

Segundo a *Academia Brasileira de Literatura de Cordel*, o cordel tem formas bem definidas. Segue abaixo as definições dadas e aceitas pela Academia:

Tabela 1:

MÉTRICA	CARACTERÍSTICAS
Parcela ou Verso de quatro sílabas	É o mais curto conhecido na literatura de cordel. Aqui as palavras não podem ser longas.
Verso de cinco sílabas	A parcela de cinco sílabas era cantada também em ritmo acelerado, exigindo do repentista, grande rapidez de raciocínio.
Estrofes de quatro versos de sete sílabas	As rimas acontecem no 2º e no 4º verso. Diferente da Parcela, aqui, essa modalidade permite palavras maiores.
Sextilhas	Estrofe de seis versos. O segundo, quarto e o sexto versos rimando entre si, deixando órfãos o primeiro, terceiro e quinto versos.
Setilhas	Estrofes de sete versos de sete sílabas. Marcado pela riqueza rítmica.
Oito pés de quadrão ou Oitavas	Estrofes de oito versos de sete sílabas. A diferença dessas estrofes de cunho popular para as de linha clássica está apenas a disposição das rimas.
Décimo	Dez versos de sete sílabas. Uma das modalidades mais usadas pelos poetas.
Martelo Agalopado	Estrofe dez versos de dez sílabas, é uma das modalidades mais antigas da Literatura de cordel.
Galope à Beira Mar	Versos de onze sílabas. Mais longos que os de martelo agalopado. As rimas são emparelhadas e os versos compostos.
Meia quadra	Versos de quinze sílabas. Possui rimas emparelhadas.

Fonte: Academia Brasileira de Literatura de Cordel

Percebemos que o cordel segue uma escrita de composição rígida, suas rimas e estrofes seguem um padrão restrito. De acordo com Abreu (1999) o cordel tem uma quantidade de estrofes limitada ao número de páginas. Segundo o autor o folheto tem oito ou dezesseis páginas e o romance, 32, 48 ou 64 páginas, sendo que essa quantidade define o tema da obra que pode estar voltado para assuntos do cotidiano, fatos jornalísticos, histórias de valentia e de oportunismo, relações amorosas, os quais têm, cada um, um tamanho definido com certa rigidez.

Diante do exposto, embora o cordel apresente toda essa riqueza literária, percebe-se que ele passa pelo risco de ser colocado de lado (principalmente nos espaços escolares). Nota-se que ele não é mais tão lido como antigamente. Como ressalta a autora Cavignac (2006)

Hoje, essa produção artesanal é cada vez mais rara e a venda, no Nordeste, só está assegurada regularmente nos grandes centros urbanos e cidades do agreste (Recife, Fortaleza, João Pessoa, Natal, Caruaru, Campina Grande, Mossoró, Caicó etc.) e nas cidades-santuários – centros importantes de romaria que reúnem fiéis vindos de todos os estados do Nordeste e do país, como Juazeiro do Norte, Canindé ou Baturité no Ceará. (CAVIGNAC, 2006, p.60)

Na concepção da autora a literatura de cordel está sendo menos utilizada e pouco produzida devido o pouco interesse do público, algo preocupante, pois se o cordel cair no esquecimento, a cultura nordestina acaba sendo afetada, visto que “uma das formas de conhecer a cultura de um povo é através do tempo e por meio de sua literatura, independente do seu formato ou suporte” (GOMES *et. al*, 2019, p. 134). Por ser o cordel um símbolo da cultura nordestina, ele possibilita o conhecimento e o entendimento de um povo, preservando histórias. Assim, merece permanecer vivo entre nós.

Entretanto, vemos que muitos cordelistas, a fim de manterem em circulação esse tipo de literatura, tiveram que se reinventar, apoiando-se em outros veículos de comunicação:

Vale recordar que, desde o surgimento de uma produção sistemática de folhetos no Brasil, a partir da primeira década do século XX, os poetas mantiveram uma interlocução constante com os veículos de comunicação em evidência em cada época. Ao longo desses anos, os poetas desenvolveram estratégias de utilizar o jornal, o rádio, a televisão e a internet a serviço da difusão da literatura de cordel, iniciativa que contribuiu para garantir a circulação do cordel de maneira contínua e sistemática [...]. (BRASIL, 2018, p. 9)

Conforme exposto acima, devido os avanços tecnológicos que trazem novas formas de comunicação, reconhecemos a necessidade de os poetas estarem atentos e acompanharem as mudanças de cada época, criando estratégias para dar continuidade a propagação da literatura de cordel.

1.2 A Literatura de Cordel no Nordeste: uma representação da cultura popular

Sabe-se que a literatura de cordel, ao se disseminar pelo Brasil, chegou primeiramente ao Nordeste brasileiro, instalou-se, mais precisamente, na Bahia e rapidamente se expandiu para outros estados e regiões. Essa arte popular ganhou espaço em nossa região através de grandes artistas (repentistas, cordelistas, poetas, xilógrafos), a saber: Patativa do Assaré, Apolônio Alves dos Santos, Arievaldo Viana Lima, Firmino Teixeira do Amaral, Cego Aderaldo, Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Rezende, entre outros que fizeram dessa literatura uma representação da cultura nordestina.

Atualmente também temos muitos cordelistas, de diferentes estados, que continuam dando vida a esse gênero, entre eles destacamos o poeta norte-rio-grandense Antônio Francisco, natural de Mossoró e o cearense Bráulio Bessa, autor do cordel que escolhemos como objeto de análise para este trabalho.

Essa produção artística, não demorou muito para se tornar um símbolo da cultura nordestina, que por sua vez, retrata os modos de vidas do povo, contando histórias sobre os costumes locais. Assim, rapidamente o cordel se difundiu e se popularizou por todo o Norte e Nordeste.

O cordel carrega muitas marcas da oralidade. O que o caracteriza como uma literatura singular. Assim, compreendemos que mesmo que os cordéis brasileiros tenham sofrido influências do cordel português (ALBUQUERQUE, 2011), fica evidente que no Nordeste eles apresentam características peculiares, visto que

[...] têm formas e características próprias, principalmente àqueles que versam sobre a terra, os costumes, os fatos políticos, sociais, econômicos assuntos religiosos, catástrofes climáticas, além da recriação em cordel de famosas obras de escritores brasileiros eruditos. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 259)

Diante disso, percebe-se que o cordel possui identidade própria. Nessa mesma perspectiva a autora Cavnac, (2006, p. 24) aponta que o texto brasileiro apresenta “os temas clássicos da literatura de cordel: a vida no sertão, as histórias de amor, o destino individual, as catástrofes naturais” entre outros.

O cordel do Nordeste traz em seus versos ritmados histórias do povo, fala com humor e até mesmo com sarcasmo de religião e política, bem como tece críticas irônicas em relação aos problemas que atravessam a nossa sociedade, como a questão das desigualdades sociais, da escravidão, da pobreza, do preconceito – assuntos que estão presentes tanto nas produções iniciais dos cordéis quanto nas produções contemporâneas. Logo, percebe-se, diante disso, que o cordel funciona também como um importante instrumento de denúncias sociais, ao registrar e compartilhar questões específicas que dizem respeito ao “povão, essas que muitas vezes são abafadas.

Outro tema muito utilizado nos cordéis é o tema da cultura nacional. Encontramos muitos cordéis que tecem versos sobre dança, música, crenças, personagens, lendas, festas etc. Diante disso, percebe-se que o cordel só ajuda a valorizar a nossa região, visto que apresenta histórias, cultura e modos de vida do lugar, mostrando não só os problemas que circulam nas cidades do interior, como a falta de políticas públicas significativas, mas, também as riquezas e as belezas que constituem o Nordeste.

Além de tudo, é comum também encontrarmos a figura do sertanejo e do cangaceiro como personagens principais de muitos cordéis. Algo muito significativo para o Nordeste, uma vez que “os sertanejos, portadores dessa cultura ‘popular’, são assim representantes legítimos do ‘povo’ brasileiro” (CAVIGNAC, 2006, p. 45). Assim, ao abrir espaço para representar o nordestino por meio da figura do sertanejo/cangaceiro, constrói-se a possibilidade de desfazer as imagens negativas que muitos têm a respeito do nordestino, bem como os estigmas – esses que são baseados “[...] mais em pressupostos sociais e valorizações positivas ou negativas, segundo a ideologia de cada pesquisador” (CAVIGNAC, 2006, p. 45) – que se propagam a respeito do mesmo, como os de que o sertanejo é caracterizado como alguém sofredor, pobre, analfabeto e vitimado pelo seca.

Diante dessa discussão, podemos dizer que o cordel se enquadra, sobretudo, como um meio de expressão cultural e identitário de um povo. Ele é útil para propagar informações e acontecimentos, bem como divulgar particularidades dos

nordestinos, fazendo com que não só o Brasil, mas todo o mundo conheça as riquezas e especificidades do Nordeste. Diante disso, nota-se que o cordel defende, por meio de sua escrita, povos que, em muitos casos, são desvalorizados ou até mesmo marginalizados.

Apesar de tudo que o cordel engloba em sua constituição, infelizmente, conforme as discussões da escritora Cavignac (2006), ele acaba sendo tratado pela elite (ou até mesmo pela crítica) como uma literatura inferior, principalmente quando comparada com outros gêneros literários, pois a literatura de cordel é uma literatura do “povo” – da minoria –, advém de uma região (Nordeste) que é tratada com preconceito, expressando o que há de mais vivo entre as pessoas, ela expressa o que é popular, o que está nas raízes de cada nordestino. Slater (1984) coloca que:

Dois critérios parecem determinantes na definição de uma literatura popular. Considerada como a expressão ingênua da alma do povo, ela se distingue da literatura erudita, antes de tudo, por seu público e por sua forma, sempre versificada. Quem diz não-erudito diz popular, logo grosseiro e rústico. Daí não falta senão um passo para aproximar essa literatura de sua cultura de origem: a de uma sociedade rural às vezes descrita como arcaica, mas sempre definida como tradicional; uma sociedade na qual o saber se transmite oralmente. O público do cordel é descrito como pertencendo às camadas mais baixas da sociedade. Quer se trate de pequenos camponeses, de artesãos, de marginais, o “povo” é, com frequência, analfabeto. (SLATER, 1984, p.38-41)

Diante disso, nota-se que o cordel se trata de uma literatura que se opõe aos interesses da elite, logo, não está preocupada em abordar temas que atraiam a atenção da camada social alta, pelo contrário, como mencionado anteriormente, ela expõe e retrata por meio de sua forma particular o contexto e a identidade do povo, assim, ela vai incomodar os mais favorecidos.

CAPÍTULO II – INESPECIFICIDADE: DO QUE TRATA A TEORIA DO INESPECÍFICO?

O presente capítulo apresenta uma discussão a respeito da teoria da inespecificidade discutida pela pesquisadora argentina Floencia Garramuño. Buscamos aqui traçar alguns comentários sobre essa teoria, a fim de esclarecer o viés de nossa análise.

2.1 A teoria da inespecificidade: apresentando nosso viés de análise

No mundo contemporâneo nos deparamos com uma diversidade de artes que não nos dão mais a liberdade e/ou a premiação, podemos dizer assim, de defini-las. A ideia de que podemos diferenciar os tipos de artes pelas suas características, como se as colocássemos em caixinhas fechadas e separadas, se desfaz. Um único exemplo pode nos dizer que o que estamos apontando aqui não se trata de um equívoco, que é o caso de uma obra performativa baseada em um texto literário.

É a obra literária invadida por fotografias, é a prosa permeada de poesia, é o cordel cinematográfico que nos mostram que as artes estão rompendo padrões e se abrindo para as novas possibilidades que surgem em nosso meio.

Partindo desse contexto que a pesquisadora Floencia Garramuño levanta o conceito da inespecificidade. Em sua obra *Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea* (2014) a argentina realiza uma discussão sobre a forma como a artes, em específico a literatura, têm se apresentado na contemporaneidade. Ela pensa a literatura num campo expandido, em uma literatura fora de si, a que sai dos seus limites para buscar outros materiais/suportes para se manifestar. Assim, a autora coloca que:

A expansividade dos meios e suportes artísticos se reconhece em práticas contemporâneas que, com operações, materiais e suportes muito diferentes entre si, foram dismantando, detida e minuciosamente, todo o tipo de ideia do próprio, tanto no sentido do identico a si mesmo como no sentido de limpo ou puro, mas também no sentido do próprio como aquela característica que diferencia, porque seria própria, uma espécie da outra. (GARRAMUÑO, 2014, p. 95)

Conforme a concepção da pesquisadora a percepção de diferente construída

entre as artes (diferença dada à partir de características), pondo nelas um limite, se torna relativa, ela “desmantela-se”. Logo, não nos cabe apontar diferenças e/ou semelhanças, ou melhor, fazer comparações entre a literatura e as outras artes, estabelecendo entre elas um certo grau de superioridade/inferioridade.

Diante disso, cabe também apontar que não faz mais sentido considerar uma arte como sendo algo meramente pura, pois, como mencionado anteriormente, na realidade a literatura, os gêneros literários ou qualquer outra forma de arte, sofre influências de outras práticas/linguagens artísticas.

Assim, a autora Garramuño (2014) nos faz refletir que sair distribuindo os textos classificando-os em grupos específicos a partir de características, como se apontássemos: isso aqui é um romance, esse um conto, esse outro um cordel, se torna uma tarefa infrutífera. Logo, a noção de pertencimento (essa que pode manifestar-se em textos, filmes, documentários, músicas, vídeos, dentre outros formatos) é questionável diante da crise da especificidade.

Para a autora essa predisposição de tentar especificar as linguagens artísticas na contemporaneidade entra em estado de decadência, pois essas linguagens se misturam, indefinindo música, literatura, filme, fotografia dentre outros gêneros.

[...] se o entrecruzamento de meios e suportes é a face mais evidente desse questionamento de especificidade, o fato é que essa aposta no inespecífico se aninha também no interior do que poderíamos considerar uma mesma linguagem, desnudando-a em sua radicalidade mais extrema. Porque é na implosão da especificidade no interior de um mesmo material ou suporte que aparece o problema mais instigante dessa aposta no inespecífico, explicando, aliás, a proliferação cada vez mais insistente desses entrecruzamentos de suportes e materiais como uma condição de possibilidade – dir-se-ia de horizonte – da produção de práticas artísticas contemporâneas. (GARRAMUÑO, 2014, p.15,16)

Nas palavras de Garramuño um material artístico pode reunir outras linguagens que não se especificam, mas que se ploriferam a cada leitura. Assim, ainda nessa mesma perspectiva, a autora, usando a obra *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Rufatto como exemplo, aponta:

No interior da linguagem literária, vários tipos de especificidade – nacional, pessoal, genérica, literária – são dissolvidos num número cada vez mais importante de textos que exibem uma imensa porosidade de fronteiras. Na literatura mais recente – sem contar aqueles textos que incorporam fotografias, desenhos ou alguma outra linguagem artística – o que estou

chamando de “aposta no inespecífico” pode percorrer lugares heterogêneos e diversos. *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Rufatto, compõe-se de fragmentos heterogêneos, tanto no que desrespeito ao formato quanto aos personagens, que figuram como mosaicos de histórias, sentimentos e afetos que, ainda que ocorram todos no mesmo dia, na mesma cidade de São Paulo, e no mesmo momento, não acham maneira de se articular uns aos outros num romance (muito embora o livro se venda e se proponha como “romance”). (GARRAMUÑO, 2014, p. 16-17)

Como esclarece a autora, a ideia de porosidade de fronteiras diz respeito às perfurações que estão no interior dos textos, o que podemos chamar de esvaziamento de categorias, como o caso de um narrador e a fragmentação de gêneros literário, como o conto ou romance. Além disso, cabe aqui apontar que a inespecificidade da literatura se expressa pela conexão dos textos com *blogs*, documentários, fotografias entre outras variantes.

Com base na discussão da autora, compreendemos que a arte passa pelo fenômeno da heterogeneidade, afirmando, assim, um novo estilo. Cabe apontar que essa heterogeneidade da arte, bem como o seu desenquadramento pode causar desconforto e estranheza – “em face de qualquer definição específica ou categoria de pertencimento em que instalar-se” (GARRAMUÑO, 2014, p. 12) – no leitor que está acostumado a ler o que até então se entende por literatura – especialmente aquela que antecede a literatura contemporânea.

E no que diz respeito a crítica, podemos dizer que o lugar que a literatura ocupa na contemporaneidade desafiando padrões, vai exigir deles um novo posicionamento, novos olhares, bem como novas categorias de análise, pois as que até então regem muitas discussões literárias podem não mais dar conta do que pede as produções artísticas da atualidade.

Nesse mesmo sentido, António Andrade et al., no livro *Indiccionario do contemporâneo* (2018) frisam que é preciso haver um “reposicionamento do olhar em busca de novos procedimentos críticos” (ANDRADE et al., 2018, p. 166). É extremamente importante (re)ler os textos a partir de um novo ângulo. Ainda de acordo com os autores:

Mas se essas escritas do presente representam uma ruptura, essa seria a ruptura com certos modos de ler, mais que de fazer literatura. A literatura segue seu curso, mas consciente de que opera em um contexto social – ele sim – absolutamente novo, no qual as formas de comunicação e sociabilidade transformaram os leitores, no qual a letra impressa deixou de ser o principal modo de circulação da informação para conviver permanentemente com a imagem e o som. [...] Para os estudos literários, a

pós-autonomia pode não ser simplesmente um estado da arte do presente, mas uma reformulação do olhar sobre a literatura que permite encontrar, nas escritas do passado, elementos e experiências que eram marginalizadas pelo paradigma autonômico. (ANDRADE et al., 2018, p. 174)

Conforme as palavras dos autores, a noção da pós-autonomia está relacionada a reformulação dos modos de ler literatura, uma vez que a literatura contemporânea exige isso de maneira “escancarada”.

Outro fator é que por meio dessas possibilidades, os gêneros literários não se perdem ou entram em desuso, pelo contrário, se renovam, se mantêm vivos. É bastante comum encontrarmos dentro de um livro literário fragmentos de outros textos, bem como cenas e fotografias.

Entretanto, por outro lado essa possibilidade que as artes, em particular, a literatura, têm de incorporar outras artes (e de se incorporar em outras) só contribui para o enriquecimento das mesmas. A literatura ao expandir-se passa a adquirir um valor maior.

Na verdade, com base nas discussões de António Andrade et al., (2018) "a arte mais uma vez tenta paradoxalmente se renovar e se afirmar através da aposta numa expansão que implica simultaneamente a fragilização e a contaminação de sua especificidade" (ANDRADE et al., 2018, p. 127). Deste modo para os respectivos autores, o conceito de campo expansivo e de inespecificidade da arte tem se mostrado indispensável e produtiva, pois assim, poderemos compreender o fenômeno da hibridez artísticas que:

[...] colocam em tensão não apenas diferentes meios e suportes, mas principalmente, valores neles associados à corporeidade, à natureza e à técnica e seus efeitos simultâneos de criação e destruição, de maneira a problematizar as ideias de obra, de arte e de vida. (ANDRADE et al., 2018, p. 127).

Assim, percebe-se que os conceitos sobre arte, obra e vida acabam sendo problematizados, uma vez que "[...] na arte atual a forma se dá de modo aberto a partir de encontros fortuitos, de interações dinâmicas entre uma proposição artística com outras formações, de cunho artístico ou não [...]" (ANDRADE et al., 2018, p. 129).

Essa abertura da arte dá a ela um caráter dinâmico, semelhante à vida dos indivíduos da contemporaneidade que é cada vez mais maleável e menos

padronizada. Além disso, surgem muitas outras possibilidades como a de que por meio dessa amplitude, as artes não ficam restritas a um determinado público, mas se expandem, alcançando um grupo maior de pessoas, sejam essas de classe social baixa, média ou alta. Como acontece com os versos de um cordel presentes nas falas de personagens de uma peça de teatro exibida em plataformas *online* ou em TV, por exemplo, chegando a todos, não ficando restrito para quem fez a leitura desse cordel por meio de seu formato tradicional.

Ainda sobre a hibridização de artes, esse fenômeno faz com que elas sejam disseminadas com mais facilidade, numa velocidade maior para um maior número de pessoas, mas para além disso, ela faz com que a produção artística que se misturam entre si, se tornem mais ricas em cultura, conteúdo e linguagem. Essa heterogeneização está mais presente, de forma mais abundante, no período pós-moderno, pois a sociedade, diante dos avanços tecnológicos, reconheceu que fica muito mais difícil disseminar uma arte solitária.

Podemos afirmar que o rompimento dos tradicionais suportes da arte faz com que elas se tornem mais democráticas, visto que está exposta e disponível para todo sujeito e não somente para a elite. Levando em consideração que a arte, especialmente a literatura, funciona como uma fonte de informação e de comunicação, bem como se coloca como um importante instrumento de denúncias sociais – visto que divulga, critica e expõe o caos, as mazelas e as injustiças da sociedade, como o preconceito contra o negro, o homossexual, a mulher –, ao se expandir, ela dá a oportunidade para que muitas pessoas pensem de forma crítica a respeito de suas ações, como também conscientiza as mesmas a respeito das convenções e amarras da sociedade que limitam os indivíduos.

Pensar a literatura, bem como toda forma de arte contemporânea, a partir da teoria da inespecificidade é relevante, pois ela vai diretamente ao encontro do que acontece atualmente com as produções artísticas, isto é, ela responde a esse contexto tão inovador.

CAPÍTULO III – A INESPECIFICIDADE NO CORDEL AOS *MESTRES*, DO POETA BRÁULIO BESSA

Neste capítulo, trazemos a análise do trabalho monográfico, a qual se deu por meio da leitura do cordel *Aos Mestres* (2017), escrito pelo autor nordestino Bráulio Bessa, cordelista conceituado da região que representa a cultura do seu povo de maneira valorativa. Para tanto, faz-se necessário trazer uma breve apresentação do poeta e do cordel em estudo, a fim de alçar uma compreensão mais aprofundada a respeito do que queremos tratar aqui, a questão da inespecificidade.

3.1 Bráulio Bessa: um pouco sobre o autor

O poeta nordestino Bráulio Bessa Uchoa, conhecido como “neto de Dedé sapateiro” – forma típica e cultural de identificar o artista – nasceu no dia 23 de julho de 1985, no estado do Ceará, em uma cidade com pouco mais que dezessete mil habitantes, denominada de Alto Santo, localizada na microregião do Baixo Jaguaribe.

Foi durante a adolescência que despertou sua atração pelo texto literário, bem como o desejo de ser poeta (SCHAEFER, 2019). Esse interesse se deu, principalmente, quando Bessa entrou em contato com a poesia de Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré (1909-2002), seu conterrâneo, por meio de uma atividade realizada na escola. Ele relata na apresentação de seu livro *Poesia que Transforma* (2018):

A tarefa era pesquisar sobre a vida de autores brasileiros, e eu, por acaso, peguei Patativa do Assaré. Nunca tinha ouvido falar e não fazia a menor ideia de quem era. Fiquei com uma inveja de quem pegou Carlos Drummond de Andrade... Enfim, fui para a biblioteca e a moça me entregou dois livros. Um deles era grande como uma revista e na capa estava ele, Patativa, segurando uma bengala, na frente de uma casa de taipa, usando seus característicos óculos escuros. Aquela imagem de sertanejo me fez ficar apaixonado. [...] levei para casa e fiquei hipnotizado. Li os poemas, e essa coisa da rima, da métrica, não me cansava, eu queria ler mais. Os poemas falavam do povo, do Ceará, da seca, e eu me enxergava dentro daquilo tudo, entendia que ele estava falando de mim, dos meus avós, dos meus pais, dos meus vizinhos, do meu universo. Fui me encantando e foi um choque pra mim, porque me vi querendo ser poeta. Eu queria ser que nem Patativa do Assaré e um dia lançar um livro também. (BESSA, 2018, p. 33)

A partir dessa fala, percebemos que os versos de Patativa encantaram o poeta e, conseqüentemente, influenciaram muito a sua carreira como cordelista. Nele, brotou o interesse de ser mais um defensor, divulgador e resgatador da cultura do Nordeste. Sobre isso, Bessa (2018, p. 33) diz que: “[...] foi esse o primeiro choque de transformação. Vi que a poesia podia transformar vidas e falei isso de forma muito superficial para mim mesmo, sem perceber que eu estava sendo transformado naquele momento”. Desde então, o autor passou a escrever, tornando-se um “fazedor de poesias”.

Segundo Schaefer (2019), Bráulio Bessa começou a ficar popular através das redes sociais, especialmente, em 2012, “quando criou uma página no Facebook chamada ‘Nação Nordestina’, na qual compartilhava com um grande público em potencial, os principais aspectos da cultura do Nordeste” (SCHAEFER, 2019, p. 3) e seus principais problemas sociais.

Nessa página, o cordelista compartilhava poemas e cordeis acerca de temáticas que exaltavam a cultura nordestina. Ao declamar o poema *Nordeste Independente*, de Bráulio Tavares e Ivanildo Vilanova, ele ganhou muita popularidade, uma vez que o texto tratava do preconceito aos nordestinos.

Sua intenção, com a declamação desse poema, partiu de sua insatisfação relacionada ao que o povo do Nordeste vinha passando: o menosprezo, o preconceito e os ataques adivinhos de sujeitos que residiam em outras regiões. Assim, por meio de seus versos, Bráulio Bessa, além de valorizar o Nordeste ao divulgar aspectos culturais, denunciava também injustiças sociais enfrentadas pelo povo.

Ainda sobre a página do facebook, cabe apontar que essa disseminou-se e alcançou um grande público. Por intermédio dela, o poeta recebeu um convite para participar, pela primeira vez, de uma edição do programa “Encontro com Fátima Bernardes” na emissora televisiva Rede Globo. Anos depois, esse mesmo programa ofereceu um espaço semanal para ele declamar seus poemas no quadro intitulado com o mesmo nome de um de seus livros, “Poesia com Rapadura”.

Foi por meio desse programa que Bráulio Bessa ficou ainda mais popular. Suas obras passaram a ser divulgadas e compartilhadas por milhares de pessoas nas mídias digitais nacionais (SCHAEFER, 2019, p. 3), ficando conhecido como um grande poeta brasileiro. No entanto, tal fama que instaurou-se de maneira, consideravelmente, rápida lhe proporcionou reflexões:

Parece até mentira que um poeta popular tenha sido o artista mais assistido das redes sociais da Rede Globo no ano. Como disse o poeta Pinto do Monteiro: 'Poeta é aquele que tira de onde não tem e bota onde não cabe.' Sinto que é muito importante ter na maior emissora de TV do país um poeta que escreve literatura de cordel. Para uma parte do público, é muito representativo ver um cara do interior, que nunca foi de televisão, que não é ator nem cantor, sentado ali naquele sofá, ao lado de Tony Ramos, de Antônio Fagundes, e que não nega sua identidade — ao contrário, reforça. Existe um poder real de influenciar, em especial as crianças e os jovens, que veem um poeta sendo aplaudido na televisão, fazendo poesia. Isso gera um impacto grande, estimula muita gente a escrever. Apesar de eu nunca ter sonhado com a fama, a televisão proporcionou o encontro da minha poesia com as pessoas. E pelas mensagens que recebo do público, posso comprovar, todos os dias, o incrível poder transformador da poesia. [...] (BESSA, 2018, p. 13).

Observamos que o poeta do interior não sonhava com a fama, mas alegra-se com a oportunidade de transformar vidas com sua poesia. Ele se surpreende com a oportunidade que teve, pois não esperava que pudesse ser reconhecido nacionalmente tendo em vista sua origem. Além disso, segundo suas palavras, podemos refletir que a trajetória desse artista serve de inspiração para muitas pessoas, especialmente as que sonham em entrar no ramo da escrita.

Assim, Bráulio Bessa vem se tornando um dos principais divulgadores da cultura do Nordeste. Ele publicou várias obras, das quais destacamos: *Poesia com rapadura* (2017), *Poesia que transforma* (2018), *Recomece* (2018) e *Um carinho na alma* (2019). Geralmente suas produções englobam temas relacionados ao cotidiano, a datas comemorativas e a pessoas importantes, com mães e professores, que é o caso do cordel que analisamos nesta pesquisa, *Aos Mestres* (2017).

Muitos dos seus poemas “apresentam a ideia de pedido ou solicitação por algo melhor na sociedade” (SCHAEFER, 2019, p. 4), o que também acontece com o cordel em estudo, em que ele exalta a figura desse profissional, apelando pelo reconhecimento deles, uma vez que a profissão de professor não é tão valorizada socialmente.

Ademais, a presença desse poeta e da sua arte nas mídias digitais vêm revolucionando a trajetória da literatura de cordel, proporcionando o alcance de novos espaços e novos públicos. A poesia considerada popular invade o cotidiano das mais variadas maneiras, por meio de livros, dos programas de TV ou das redes sociais, facilitando o acesso e a interação rápida. Não podemos contabilizar o seu

público nem a sua faixa etária, contudo inferimos que o contato com a arte do cordel pode ser transformador para cada um que a consome.

3.2 Acerca do cordel em estudo

O cordel *Aos mestres*, escrito por Bráulio Bessa, tem como principal função enaltecer e valorizar a figura do professor, profissional que ao longo do tempo tem sido tão desrespeitado dentro e fora da sala de aula. No trecho do cordel: “ah, se fizessem justiça sem corpo mole ou preguiça, lhe dando o real valor” (BESSA, 2017, p.68), podemos perceber um tom de indignação do eu-lírico advindo da desvalorização dos profissionais da educação por parte dos governantes. Essa que se dá não só em relação a remuneração destinada aos professores, mas sobretudo, em relação as condições de trabalho oferecida, a culpa a eles atribuída sobre o fracasso do aluno desconsiderando uma série de fatores sociais que constitui esse processo.

Diante disso, no texto, cobra-se daqueles que detêm o poder maior atenção ao trabalho do professor, já que é ele que ajuda na formação moral e social da sociedade. Essa desvalorização ao professor no cordel é colocada de forma ritmada, a partir de ideias que mostram esse desrespeito. Fica evidente que Bráulio Bessa faz uma crítica explícita aos governantes. No fragmento: “Ah, se um dia os governantes prestassem mais atenção nos verdadeiros heróis que constroem a nação” (BESSA, 2017, p.68), vemos que há uma cobrança direcionada à aqueles que detêm o poder e uma idealização desse profissional ao ser colocado como “verdadeiros heróis”.

Bráulio nos leva a refletir que sem esse profissional fica mais difícil alcançar uma população mais igualitária, isto é, sem o professor a educação não tem como caminhar e sem educação toda a nação não tem como crescer, pois, a base de um povo é o conhecimento. Não um saber apenas sobre determinado tipo de trabalho ou assunto, mas um saber sobre áreas e conteúdos diferentes, para isso, necessita-se de uma profissional especializado, sendo este um professor.

Logo, o profissional da educação merece um valor e um reconhecimento maior pela profissão de ensinar o indivíduo a ler, a escrever, a fazer contas, a entender sobre leis e a saber lidar com qualquer situação que venha aparecer no decorrer da vida, seja ela acadêmica, pessoal ou profissional.

Em qualquer momento da vida, o indivíduo necessita saber e entender o que acontece na sociedade, e isso é ensinado em sala de aula por um professor. Sendo esse profissional um mediador que passa conhecimentos para crianças, jovens, adolescentes e adultos; que lida com as primeiras dificuldades na formação desses indivíduos, enquanto seres pensantes que precisarão construir ideias e aprender a viver de forma coerente em uma sociedade, a qual, muitas vezes, só cobra e não ajuda nessa construção.

No trecho: “Um arquiteto de sonhos, engenheiro do futuro, um motorista da vida dirigindo no escuro. Um plantador de esperança plantando em cada criança, um adulto sonhador” (BESSA, 2017, p.69), percebemos o quanto o professor merece ser valorizado, visto que ele é um dos principais responsáveis pelo crescimento de cada sujeito como um ser crítico e humano apto a viver em sociedade. É esse professor que vai instruir seus alunos em relação ao que deve ou não ser feito, corrigir quando eles errarem seja em uma prova de português, matemática ou quando eles errarem enquanto seres de uma sociedade.

Portanto, é esse mestre do saber que irá apresentar os melhores caminhos e as possibilidades para que os estudantes possam vencer e construir um bom futuro. Por meio da interação que ele estabelece com os alunos, é possível construir “aprendizagens significativas e transformadoras com repercussões ao longo de toda a vida” (HOOKS, 2017, p. 12).

É de responsabilidade de um professor realizar uma tarefa que não é tão simples: a de ensinar. Sabemos que para tal ação se concretizar é necessário ter bagagem cultural para transmitir o conhecimento para outras pessoas, para passar algo que seja relevante e ajude na construção do ser humano, e necessita que se faça isso com respeito e de forma prazerosa a fim de que o ensino e a aprendizagem fluam de maneira contínua e significativa. O professor é um mestre que tenta ultrapassar as barreiras e os obstáculos que aparecem para ensinar e uma sociedade formar. No trecho: “Um plantador de esperança plantando em cada criança, um adulto sonhador” (BESSA, 2017, p.69), entendemos o quanto esse profissional ajuda na formação do caráter e da moral de cada indivíduo que ele ensina em sala de aula.

Dado tanta responsabilidade ao professor, observamos que esses profissionais necessitam de mais reconhecimento. No trecho: “Nas potências mundiais são sempre heróis nacionais e por aqui sem valor. Mesmo triste e muito

aflito, tenho fé e acredito na força do professor” (BESSA, 2017, p.69), vemos que no cordel o Brasil é colocado como um país que menospreza à docência quando comparado com outras nações. Porém, para o eu-lírico não é a luta coletiva que vai amenizar esse problema, mas sim a fé, que é colocada como uma alternativa que traz esperança de mudança. Ele ressaltar que os professores, mesmo sofrendo com o descaso social, ainda contribuem com a construção de uma sociedade melhor e mais justa, ou seja, com menor desigualdade social e menos preconceito e desrespeito aos diferentes modos de vida do indivíduo.

Além do mais, se os profissionais da educação tivessem o seu real valor defendido e fossem devidamente reconhecidos como eles merecem, teríamos uma nação mais igualitária porque a educação de qualidade chegaria a mais pessoas, e assim se teria um povo mais apto a tomar decisões, sabendo definir melhor o que é certo ou errado; bem como veríamos menos pessoas sendo injustiçadas porque uma boa educação também melhora a forma de pensar e agir um com o outro, não desvalorizando esse ou aquele sujeito pela cor, sexualidade, religião ou região geográfica diferente.

No entanto, esses educadores não precisam se sentir culpados ou derrotados pelo fato de a nação não ir bem e sua população não obter um crescimento educacional esperado. A respeito disso, percebemos, no trecho: “Porém não sinta vergonha, não se sinta derrotado, se o nosso país vai mal você não é o culpado” (BESSA, 2017, p.69), entendemos que o eu-lírico consola o professor a respeito do descaso do governo e dos problemas da educação brasileira, mostrando que a culpa do “país ir mal” não provém dele, pois os educadores, mesmo diante da precariedade que vive a educação em termos de estrutura física e interna, permanecem cumprindo o seu trabalho.

Como já mencionado, em outros lugares do mundo, em países que são considerados potências mundiais, esses mesmos profissionais seriam verdadeiros heróis e teriam o seu valor reconhecido como merecem. Nossa sociedade, ainda que em meio ao caos da educação pública sem ter seu devido valor reconhecido, não pode deixar de acreditar que um dia tudo isso pode mudar e que a força dos professores não irá acabar porque eles são desvalorizados, mas que são muito humanos para ensinarem sem se cansar e para abraçarem causas tão deixadas de lado, como uma educação de qualidade. No trecho: “Nas potências mundiais são sempre heróis nacionais e por aqui sem valor. Mesmo triste e muito aflito, tenho fé e

acredito na força do professor” (BESSA, 2017, p.69), constatamos que em outros lugares os mestres do saber são valorizados e que, mesmo com toda desvalorização da classe no Brasil, é possível acreditar que eles vão fazer o país melhorar e mudar esse quadro.

É esse professor que conduz e ajuda na realização dos sonhos que chegam até ele, muitas vezes sendo um descobridor de talentos e de futuros profissionais de áreas diversas. Ele ajuda na concretização desses sonhos, mas também é um sonhador, ele sonha com um futuro melhor para seus alunos e para sua classe trabalhadora. Portanto, o docente é um arquiteto de sonhos que mentaliza junto com seus educandos um futuro melhor e diferente do atual; um desbravador de futuros, de sonhos e um ser humano que acredita que tudo um dia pode mudar e melhorar, que crianças, adolescentes, jovens e adultos podem mudar o futuro por mais que este seja escuro e não se conheça o que acontecerá. O professor não deixa de acreditar que a sociedade como um todo um dia irá mudar. Contudo, é um profissional tão criticado por pessoas que, muitas vezes, não sabem quem é o “culpado” por um país que está entre as dez economias do mundo, mas ainda muito atrasado quando se fala em educação, que é dever do estado. Nesse contexto, é sempre o professor quem sofre com o descaso que é a maioria dos alunos ser atrasada.

Esse profissional da educação que com seu giz na mão escreve em um quadro branco conteúdos que ensina além de ler e escrever, ensina que na vida é possível vencer mesmo que tudo pareça o contrário, mesmo que a vida seja difícil é possível fazer o impossível se tornar possível, no trecho “Um guerreiro sem espada, sem faca, foice ou facão. Armado só de amor, Segurando um giz na mão” (BESSA, 2017, p.68); aqui traz a reflexão que não se precisa de muito para se ter uma boa educação, precisa-se somente de interesse da parte de quem ensina e de quem quer aprender, mostra que não precisa de arma branca para ensinar, pois a única arma para ensinar pode ser um giz, amor pela nobre profissão que é ensinar e ser guerreiro sem nunca pensar em desistir de um dia tornar o país mais igualitário quando se trata de educação e dessa profissão que é tão desvalorizada.

Professor modifica o passado de uma família, transforma o presente de um aluno e abre um leque de novas possibilidades para o futuro de um aluno e da humanidade. Um ser humano como qualquer outra pessoa, mas que trabalha com

muito amor e planta o saber nas crianças, rega com alegria, saber, amor e prazer em ver esses alunos crescerem.

Esse cordel de Bráulio Bessa citado no início, está inserido no *Livro Poesia com rapadura* que foi publicado no ano de 2017, com o propósito de valorizar essa classe tão desvalorizada que é a classe dos professores. Quando o poeta cordelista Bráulio Bessa escreveu essa poesia foi com objetivo de mostrar o verdadeiro valor que o professor deve ter e o respeito que ele merece por ensinar o que sabe aos alunos que chegam em sala de aula muitas das vezes sem saber de nada, mais que isso, foi porque ele ainda acredita na força que tem o professor em modificar a sociedade, professor que usa de sua arte de ensinar para que o outro possa aprender a ler, escrever mas também a ser um ser humano mais socializado e também a ter uma maior bagagem cultural.

3.3 Aos mestres: o que há de inespecífico?

A noção de inespecificidade discutida pela argentina Garramuño é um indício de que a literatura das últimas décadas passa por um processo de perda da especificidade, ou melhor de abalo da “[...] ideia de uma especificidade” (GARRAMUÑO, 2014, p. 16), para entrar no universo da imprecisão e do impróprio. Na literatura de cordel não é diferente, em especial, na poesia de Bráulio Bessa. Dessa forma, veremos que o cordel do artista perpassa pela via do inespecífico nos âmbitos internos e externos.

O cordel “Aos Mestres”, de Bráulio Bessa, exhibe certa porosidade de fronteiras, a qual pode ser notada tanto na sua estrutura interna e externa quanto nos meios de circulação e expansão, resultando no rompimento de qualquer tipo de caracterização clássica.

No que diz respeito a sua estrutura interna, podemos observar que o cordel tem quatro estrofes compostas por uma décima. As rimas dos versos têm distribuições variadas. Segue, abaixo, a escansão da sua primeira estrofe para uma melhor compreensão:

Um/guer/rei/ro/ sem/ es/pa/da, A
 1 2 3 4 5 6 7
 Sem/ fa/ca,/ foi/ce ou/ fa/cão. B
 1 2 3 4 5 6 7

Ar/ma/do/ só/ de a/mor, C
 1 2 3 4 5 6
 Se/gu/ran/do um/ giz/ na/ mão; B
 1 2 3 4 5 6 7
 O/ li/vro é/ seu/ es/cu/do D
 1 2 3 4 5 6
 Que/ lhe/ pro/te/ge/ de/ tu/do D
 1 2 3 4 5 6 7
 Que/ pos/as/ lhe/ cau/sar/ dor. C
 1 2 3 4 5 6 7
 Por/ is/so eu/ te/nho/ di/to: E
 1 2 3 4 5 6
 Te/nho/ fé/ e a/cre/di/to E
 1 2 3 4 5 6
 Na/ for/ça/ do/ pro/fes/sor. C
 1 2 3 4 5 6 7

Nesse momento inicial, observando essa primeira estrofe, podemos verificar que ela segue o seguinte esquema de rimas: 1° A, 2° B, 3° C, 4° B, 5° D, 6° D, 7° C, 8° E, 9° E e 10° C. Diante disso, constatamos que os versos não se apoiam na regra métrica da quantidade de sílabas tradicionais do cordel exposta e aceita pela *Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. A estrutura se aproxima da métrica de “décimas”, com estrofes de dez versos compostos por sete sílabas poéticas para cada um. Porém, a quantidade de sílabas varia quase sempre, havendo versos com seis sílabas (hexassílabos) e versos com sete sílabas (Heptassílabos/redondilha maior). Só em alguns momentos que a métrica é seguida à risca, como no primeiro, no segundo e no quarto verso. Isso também se repete nas estrofes seguintes:

Ah/, se um/ dia os/ go/ver/nan/tes, A
 1 2 3 4 5 6
 Pres/tas/sem/ mais/ a/ ten/ção B
 1 2 3 4 5 6 7
 Nos/ ver/da/dei/ros/ he/róis C
 1 2 3 4 5 6 7
 Que/ cons/ tro/ em a/ na/ção; B
 1 2 3 4 5 6
 Ah/, se/ fi/zes/sem/ jus/ti/ça D
 1 2 3 4 5 6 7
 Sem/ cor/po/ mo/le ou/ pre/gui/ça, D
 1 2 3 4 5 6 7
 Lhe/ dan/do o / re/al/ va/lor. E
 1 2 3 4 5 6 7
 Eu/ da/ria um/ gran/de/ gri/to: F
 1 2 3 4 5 6
 Te/nho/ fé/ e a/cre/di/to F
 1 2 3 4 5 6
 Na/ for/ça/ do/ pro/fes/sor. E

1 2 3 4 5 6 7

Nessa segunda estrofe, podemos notar uma diferença na distribuição das rimas. Ela segue o esquema: 1° A, 2° B, 3° C, 4° B, 5° D, 6° D, 7° E, 8° F, 9° F e 10° E. Aqui também temos hexassílabos e Heptassílabos, ou seja, seis e sete sílabas poéticas. Isso se sucede nas duas últimas estrofes:

Po/rém/ não/ sin/ta/ ver/go/nha, **A**
 1 2 3 4 5 6 7
 Não/ se/ sin/ta/ der/ro/ta/do, **B**
 1 2 3 4 5 6 7
 se o/ nos/so/ pa/ís/ vai/ mal **C**
 1 2 3 4 5 6 7
 vo/cê/ não/ é o/ cul/pa/do. **B**
 1 2 3 4 5 6
 nas/ po/tên/cias/ mun/di/ais **D**
 1 2 3 4 5 6 7
 são/ sem/pre he/róis/ na/cio/nais **D**
 1 2 3 4 5 6 7
 e/ por/ a/qui/ sem/ va/lor. **E**
 1 2 3 4 5 6 7
 Mes/mo/ tris/te e /mui/to a/fli/to, **F**
 1 2 3 4 5 6 7
 te/nho/ fé/ e a/cre/di/to **F**
 1 2 3 4 5 6
 na/ for/ça/ do/ pro/fes/sor. **E**
 1 2 3 4 5 6 7

Nessa terceira estrofe, observamos que a distribuição das rimas é igual a da estrofe anterior, porém, seus versos, embora constituídos também de seis e sete sílabas, não seguem a mesma ordem. Os versos 1°, 2°, 3°, 5°, 6°, 7°, 8° e 10° se estruturam em sete sílabas e apenas os versos 4° e 9°, em seis sílabas. Na última estrofe, a seguir, temos:

um/ ar/qui/te/to/ de/ so/nhos **A**
 1 2 3 4 5 6 7
 en/ge/nhei/ro/ do/ fu/tu/ro **B**
 1 2 3 4 5 6 7
 um/ mo/to/ris/ta/ da/ vi/da **C**
 1 2 3 4 5 6 7
 di/ri/gin/do/ no/ es/cu/ro **B**
 1 2 3 4 5 6 7
 um/ plan/ta/dor/ de es/pe/ran/ça **D**
 1 2 3 4 5 6 7
 plan/tan/do em /ca/da/ cri/an/ça **D**
 1 2 3 4 5 6 7
 um a/dul/to/ so/nha/dor **E**

1 2 3 4 5 6
 e/es/se/cor/del/foi es/cri/to F
 1 2 3 4 5 6 7
 por/que/ ain/da a/cre/di/to F
 1 2 3 4 5 6
 na/ for/ça/ do/ pro/fes/sor E
 1 2 3 4 5 6 7

Nessa quarta e última estrofe, apenas os versos 7 ° e 9° apresentam seis sílabas poéticas, os demais se estruturam em sete sílabas. Evidentemente, o texto do poeta cearense não segue nenhuma ordem rígida, mas, conforme representado, analisamos que ele sofre variações.

Desse modo, fica claro que a estrutura interna do cordel em estudo não segue a estrutura fixa-padrão do cordel tradicional. Sua organização não está de acordo com as exigências, podemos dizer assim. Se partíssemos de uma crítica tradicional amparada no que está posto para a construção de um cordel, poderíamos nesse momento rebater a produção artística de Bessa, dizendo que ela não se trata de um cordel, pois não atende as regras impostas.

Entretanto, ao apresentarmos esses aspectos, não pretendemos classificar o texto do autor como um anticordel ou até mesmo como um cordel, e sim mostrar suas perfurações, isto é, seu esvaziamento que se dá por meio dessa possibilidade de ir além dos limites impostos.

Nesse contexto, poderíamos cair na pretensão de querer encontrar uma definição fechada para o cordel *Aos Mestres* (2017). Contudo, esse fator vai de encontro ao pensamento de Garramuño (2014, p. 16) sobre a ideia de “não pertencimento à especificidade de uma arte em particular, mas também, e sobretudo, não pertencimento a uma ideia de arte como específica”. Nesse caso, *Aos Mestres* pode ser compreendido como um texto que não precisa ser classificado como pertencente a determinado gênero textual ou literário.

Outro fator que pode aqui ser questionado é acerca da especificidade dos meios. O cordel de Bessa não se expressa por meios específicos, ele ultrapassa os suportes convencionados socialmente para se manifestar em outros espaços, suportes e meios, quebrando a noção de especificidade.

O cordel *Aos Mestres* (2017) foi declamado pela primeira vez e transmitido pela emissora de rede Globo em 2016, no programa de TV *Encontro com Patrícia Poeta*, (quando ao programa ainda era apresentado pela jornalista Fátima Bernardes

e chamado de Encontro com Fátima Bernardes) mediado pela apresentadora Patrícia Poeta, sendo uma continuação do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, estreado em 25 de junho de 2012. Como o próprio nome do programa nos diz, antes ele era apresentado pela jornalista Fátima Bernardes, mas, em 04 de julho de 2022, passou a ser comandado pela apresentadora Patrícia Poeta e pelo coapresentador Manoel Soares.

De um modo geral, o programa, que vai ao ar de segunda a sexta-feira às 9h30min, aborda diversas temáticas relacionadas a situações comuns ao cotidiano, tais como: relações familiares, afetivas, profissionais e acontecimentos atuais. Esses debates são realizados no formato de bate-papo informal entre os apresentadores, a plateia e os convidados diversos. Além disso, todas as edições contam com apresentações musicais, danças e artistas populares, como por exemplo o poeta cearense Bráulio Bessa, que, na maioria das vezes, declama poesias relacionadas ao tema do dia. Assim, no ano de 2016, quando o programa ainda era comandado por Fátima Bernardes, o cordelista foi convidado para declamar o cordel em homenagem ao dia dos professores.

Diante disso, percebemos que Bessa rompe as práticas tradicionais de declamação em feiras, mercados ou festas populares, onde passa pela experiência da interação face a face com seu público, para ter seus cordéis mediados pela TV, mais precisamente pela produção do programa citado, alcançando mais pessoas. Nessa ótica, sua literatura, assim como outras artes, encontra “um modo de estar sempre fora de si, fora de um lugar ou de uma categoria, próprio, únicos, fechados, prístinos ou contidos” (GARRAMUÑO, 2014, p.12), para estar em conexão com outras formas de artes.

Assim sendo, verificamos que a forma original do gênero cordel, de ser apresentado e disseminado via papel, em formato de folhetins, é modificada. Essa modificação se dar não só quando a TV abre espaço para transmitir esse texto, mas também quando esse tipo de literatura percorre o ciberespaço, ou seja, outras mídias, como as redes sociais, para se difundir.

Isso foi o que aconteceu quando Bessa criou a página *Nação Nordestina* no *Facebook* para divulgar seus cordéis, dando a eles um novo suporte. O artista tanto digita os cordéis como divulga-os por meio de vídeos. No caso do cordel *Aos*

Mestres, ele foi postado em sua página no ano de 2016² em formato de vídeo após ser declamado no quadro *Poesia com Rapadura* do programa *Encontro com Fátima Bernardes* (atualmente nomeado por *Encontro com Patrícia Poeta*). Cabe apontar que o referido cordel está gravado no Globo play, apresentando-se na série documental *Poesia que Transforma*, estreado no dia 22 de dezembro de 2021³.

Com o advento da internet a difusão da literatura de cordel se tornou mais fácil, segundo Brasil (2018):

Desde a década de 1990, a internet vem sendo utilizada pelos poetas como um meio de difusão da literatura de cordel. Pelejas virtuais, Blogs, sites de relacionamento, páginas que recuperam a história do cordel e aplicativos de celulares potencializaram a troca de informações, o estabelecimento de vínculos sociais entre poetas e o público e uma produção poética voltada para circulação no ciberespaço (BRASIL, 2018, p.13-14)

Tais recursos tecnológicos têm sido bastante úteis para dar uma maior visibilidade aos cordéis, principalmente na contemporaneidade, e Bessa tem sido um exemplo de artista contemporâneo que tem se apropriado dessas ferramentas para ampliar a circulação de seus versos.

Na concepção de Lemaire (2010) quando os poetas usam a internet para fazerem e divulgarem seus cordéis, bem como as cantorias e os repentes, a tradição está se refazendo, ela aponta: “mais uma tradição se refaz e mostra a imensa vitalidade e dinamismo de uma tradição poética que veio das civilizações da oralidade, se manteve e se mantém” (LEMAIRE, 2010, p. 28-29) apesar das ameaças de extinção.

Diante do exposto, somos levados a refletir que todas as formas novas em que o cordel de Bessa se apresenta a ideia do próprio se desfaz quando levamos em consideração que os ditos folhetins deixam de ser físicos, quando abandonam sua forma sólida e estática da impressão no papel e passa a navegar no espaço virtual.

Mesmo publicado no livro *Poesia com Rapadura*, notamos que o cordel de Bessa não cabe apenas em um livro, ele se expande e transborda ao transitar por diferentes artes/campos artísticos se ampliando e alcançando mais pessoas. Essa

² O vídeo no Facebook pode ser acessado pelo link:

<https://www.facebook.com/306125182754058/posts/1299190940114139/>. Acesso em: 07 set. 2022.

³ Acessar link:

<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/braulio-bessa-estrela-serie-poesia-que-transforma-sobre-povo-simples-que-produz-consome-literatura-25323765>. Acesso em: 07 set. 2022.

ampliação também é bem significativa, pois assim, tal texto não se restringe a um público específico.

Ainda em relação a esse transbordar, Garramuño (2014) ao refletir sobre a expressão, diz que ela resulta em um “desmantelo do próprio”, pois essa possibilidade desfaz qualquer tipo de pertencimento. Além disso, nessa situação, esse autor não se isenta de apontar que até mesmo os suportes são dados ao questionamento, uma vez que eles também são inespecíficos, pois circulam em único meio música (fundo musical), texto, imagens (GARRAMUÑO, 2014). Como exemplo, temos o cordel de Bessa, que ao ser propagado pela TV e redes sociais, ele também foi invadido pela música, fundo musical do programa. Para Garramuño (2014):

[...] no interior de uma mesma linguagem ou suporte literário ou artístico, o mesmo movimento de questionamento do pertencimento e da especificidade encontra outras maneiras de manifestar-se. Não só é possível dizer que a literatura expandiu seu meio ou suporte para incorporar, de modo crescente, outras linguagens no interior de seu discurso. (GARRAMUÑO, 2014, p. 87)

Assim, percebemos que o texto de Bessa não se sustenta em um só suporte, ou melhor, não resulta apenas do “cruzamento de meios diversos, mas também da combinação de diferentes mundos de referência que todos esses materiais introduzem [...]” (GARRAMUÑO, 2014, p. 96) em seus versos.

Logo, com esta análise identificamos que o texto de Bráulio Bessa é um exemplo entre os vários outros textos, em especial os literários, que tem suas especificidades “abaladas” em termos de suportes e difusão. Sendo essa uma marca da contemporaneidade. Compreendemos, no entanto, que tais possibilidades dão ao escritor uma personalidade singular e um caráter inovador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs analisar o cordel *Aos mestres* (2017), do escritor cearense Bráulio Bessa a partir da teoria da inespecificidade da argentina Garramuño. Com este estudo, foi possível perceber que a literatura de cordel assume um papel importante para o Nordeste, sendo esse um símbolo da região, uma vez que aborda assuntos locais, explorando e resgatando aspectos culturais.

Com este trabalho também pudemos constatar que o cordel tem sido colocado como um texto inferior, quando comparado com outros tipos de textos, e que, com isso, ao longo dos tempos, ele vem caindo em desuso devido ao pouco interesse do público em ler e escrever esse tipo de literatura, segundo a autora Cavignac (2006).

Vimos que a teoria da inespecificidade é um indício do que vive a nossa literatura contemporânea: a crise da especificidade que nos tira o ato tendencioso de querer definir obras literárias e outras artes em geral. Desse modo, observamos que o cordel *Aos Mestres*, de Bráulio Bessa se mostra de forma inespecífica, pois tem suas especificidades questionadas.

Identificamos que *Aos Mestres*, apesar de ser chamado de cordel, não se limita ou se fecha a uma categoria fechada, mas apresenta “porosidades”, tanto na sua estrutura interna quanto externa. Por um lado, ele é conhecido como cordel, mas não é fiel as características do gênero, uma vez que não segue a regra da métrica, apresentando uma distribuição de rimas variadas; por outro, se aproxima do poema, mas também não pode ser assim classificado, visto que perpassa por dois tipos de linguagens: a formal e a informal, o que, conseqüentemente, revela sua inespecificidade.

Além disso, verificamos também que Bessa transporta a sua literatura de cordel para os espaços mais assistidos pelas pessoas, como TV e redes sociais, causando a ruptura da tradicional forma de produção, comercialização e exposição de sua arte em antigos folhetos. Essa expansão, por sua vez, contribui de forma significativa para a preservação desse tipo de texto, propiciando a sua circulação em alta escala e de forma rápida, estando mais próxima dos sujeitos/leitores contemporâneos.

Entre as dificuldades desta pesquisa, a principal delas foi encontrar uma metodologia adequada para analisar o cordel de Bráulio Bessa sem cair na pretensão de dar ao texto classificações fechadas.

Como implicações desse estudo, pensamos ter acrescentado minimamente algumas discussões a respeito da teoria da inespecificidade, bem como dos estudos voltados para a literatura de cordel. Talvez esse trabalho monográfico também possa ser relevante para a constituição de muitas outras pesquisas, uma vez que esta não traz respostas conclusivas.

Portanto, cresce o nosso interesse em dar continuidade ao que aqui foi desenvolvido, adentrando-se em outras obras de Bráulio Bessa, pois acreditamos que suas produções artísticas nos dão outras possibilidades para pensar sobre a literatura contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADRADE, Antonio et al. **Indiccionario do contemporâneo**. Célia Pedrosa et al. (Org). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Literatura popular de cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica**. 2011. 314 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/6183>> Acesso em: 18 ago. 2022.

ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

Academia Brasileira de Literatura de Cordel. **Métrica**. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/metricas-2/>. Acesso em 08 set. 2022.

BESSA, Bráulio. **Poesia com rapadura**. Fortaleza: CeNE, 2017.

BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP. **Literatura de Cordel**. Dossiê de Registro. Brasília: IPHAN, 2018.

CAVIGNAC, Julie. **A Literatura de Cordel no Nordeste do Brasil**. Natal: EDUFRN, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Vagner Ivan de Alencar; OLIVEIRA, Solange Gomes Toscano de.; BRITO, Eduardo Neves Rocha de. **A importância da literatura de cordel como preservação da cultura nordestina: um estudo no acervo da Biblioteca Central Zila Mamede**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 15, n. 1, 2019.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEMAIRE, Ria. **Tradições que se refazem: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 35. Brasília, janeiro-junho de 2010, p. 17-30.

Nação Nordestina. Vídeo do cordel. Disponível em:

<https://www.facebook.com/306125182754058/posts/1299190940114139/>. Acesso em 07 set. 2022.

O Globo. **Bráulio Bessa estrela série 'Poesia que transforma', sobre o povo**

simples que produz e consome literatura. 2021, disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/braulio-bessa-estrela-serie-poesia-que-transforma-sobre-povo-simples-que-produz-consome-literatura-25323765>. Acesso em 07 set. 2022

SLATER, Candace. **A vida no barbante. A literatura de cordel no Brasil**. Octavio Alves velho (Tra.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Vertentes e evolução da literatura de cordel**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Milart, 2005.

SCHAEFER, Bruna. **Poesia como “clamor”**: uma leitura de poemas de Bráulio Bessa Uchoa. 2019, 32 p. Monografia (Licenciatura em Letras Português e Espanhol). Universidade Federal da Fronteira Sul, Santa Catarina, 2019.

ANEXO

Aos Mestres

Um guerreiro sem espada,
Sem faca, foice ou facão.
Armado só de amor,
Segurando um giz na mão;
O livro é seu escudo
Que lhe protege de tudo
que possa lhe causar dor.
Por isso eu tenho dito:
tenho fé e acredito
na força do professor.

Ah, se um dia os governantes,
prestassem mais atenção
nos verdadeiros heróis
que constroem a nação;
ah, se fizessem justiça
sem corpo mole ou preguiça,
lhe dando o real valor.
Eu daria um grande grito:
tenho fé e acredito
na força do professor.

Porém não sinta vergonha,
não se sinta derrotado,

se o nosso país vai mal
você não é o culpado.
Nas potências mundiais
são sempre heróis nacionais
e por aqui sem valor.
Mesmo triste e muito aflito,
tenho fé e acredito
na força do professor.

Um arquiteto de sonhos,
engenheiro do futuro,
um motorista da vida
dirigindo no escuro.
Um plantador de esperança
plantando em cada criança,
um adulto sonhador.
E esse cordel foi escrito,
por que ainda acredito
na força do professor.